

Mudança no centro do poder

José Serra, ministro do Planejamento, tem a mania de rabiscar, enquanto ordena idéias. Faz isso, com frequência, no verso de documentos oficiais. Um deles repousava sobre sua mesa de trabalho, na segunda semana de janeiro. Os traços rápidos, em tinta preta, indicavam o que, no governo, Serra só conseguiu fazer dois meses depois: mudar o rumo da administração do Plano Real.

Quinze dias antes, Serra assumira o Planejamento na delicada posição de virtual isolamento dentro do governo no alerta sobre a vulnerabilidade do Plano Real.

A sorte lhe sorria, a partir da desgraça mexicana. Passou a ter uma dívida impagável em tequila, limão e sal com Jaime Serra Puche, ex-ministro das Finanças do México. Foi o Serra de lá, o da tequila, que acendeu o pavio da implosão mexicana. Demonstrou que a mistura da sobrevalorização cambial



O governo não dispõe de mecanismos de decisão política ágeis e eficazes

com sucessivos déficits, mais a confiança ilimitada nos "investidores" externos, é um coquetel perfeito, substituto da nitroglicerina pura, para embbedar governos e implodir projetos de estabilização econômica.

Discreto, contrariando seus hábitos, o Serra daqui optou por emudecer, sempre que o assunto era câmbio. Até mesmo nas reuniões matinais com o presidente Fernando Henrique, e os ministros Pedro Malan, da Fazenda, e Clóvis Carvalho, do Gabinete

Civil. Às vezes, até sorria.

Nos intervalos rabiscava papéis, sobre sua mesa. "Câmbio — problema não é 9%", escreveu, referindo-se a uma das estimativas oficiais de sobrevalorização do real em relação ao dólar, na segunda semana de janeiro. Na linha seguinte, indicou: "Período de calma — atuar". O que preocupava era a possibilidade de contínuos e crescentes déficits no balanço de pa-

gamentos do País. No seu puríssimo economês, rabiscou: "Coeficiente Reservas sobre Déficit em Conta Corrente, diferença maior de ajuste".

Como se tratava de escrito pessoal, intransferível até porque quase ininteligível, provavelmente teria sido indultado por Madame Natasha, nobre senhora que detesta música, mas ampara os inválidos do idioma, aqui no Estado, depois da missa dominical.

Alguém viu o papel na mesa do ministro, memorizou e pediu socorro a um especialista em hieróglifos, com algum conhecimento de economês. A tradução: Serra queria dizer o já vinha dizendo em português, antes de assumir. Ou seja, que, a exemplo do ocorrido no México, as reservas do País ameaçavam virar pó, na esteira de sucessivos e crescentes déficits, o que levaria o real a uma armadilha fatal — quanto maior o tempo para seu ajuste, maior seria o tamanho de sua desvalorização diante do dólar, e mais graves tenderiam a ser as consequências inflacionárias.

Serra concluía, no papel: "Novo regime cambial". E arrematava: "No curto prazo".

O "pacote" veio dois meses depois.

No bojo, traz sinais de mudanças no centro do poder. Politicamente, a mais relevante é a de que o Ministério do Planejamento consolidou uma posição de ascendência sobre a entidade outrora autodenominada "equipe econômica" na gerência do Plano Real.

Significa, entre outras coisas, que não existe mais a todo-poderosa "equipe", na forma como se viu até o último dia do governo Itamar Franco — um presidente que se fez refém da Fazenda e do Banco Central, temente pela credibilidade de seu governo no mercado financeiro. O tempo gasto nessa óbvia e necessária mudança de rumo no plano mostra, porém, que o governo ainda não dispõe de mecanismos de decisão política ágeis e eficazes.

Final, o presidente foi eleito há mais de cinco meses, em primeiro turno, o que lhe deu tempo suficiente para estudar e preparar qualquer ajuste na moeda que o elegeu. Manteve-se na mais absoluta inércia nos três meses seguintes à implosão cambial mexicana. A razão é a mesma que preside os velhos problemas do jovem PSDB: pura, simples e habitual indecisão.